



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
MESTRADO EM CRÍTICA CULTURAL**

A AURA E A AUTENTICIDADE DA DANÇA TRIBAL

GILMARA CRUZ DE ARAUJO

**Alagoinhas-Bahia
2013**

GILMARA CRUZ DE ARAUJO

A AURA E A AUTENTICIDADE DA DANÇA TRIBAL

Ensaio apresentado à disciplina Cultura Popular e de Massa do curso de mestrado em Crítica Cultural da UNEB- Campus II, como método avaliativo da disciplina.

Orientador: Prof. Washington Drummond

**Alagoinhas -Bahia
2013**

Quero agradecer primeiramente ao professor Drummond pela ideia e discussões em sala de aula; a meu marido Felipe Oliveira pelo incentivo e tradução do resumo; a irmã de rito Marcela Zanotelli de Menezes, que me deu apoio e me colocou em contato com algumas professoras; A Surrendra, Mariana Quadros e Morgen Neith que com todo carinho e atenção responderam a entrevista; a Gabriela Miranda e Nadja El Balady pelas indicações de leituras e as minhas queridas aprendizes! Brilhem, pois todos nós somos estrelas!

A AURA E A AUTENTICIDADE DA DANÇA TRIBAL

The aura and authenticity of the Tribal Dance

Gilmara Cruz de Araujo¹

Resumo: Este ensaio objetiva refletir sobre a Dança Tribal a partir da sua aura e autenticidade de significado numa perspectiva teórica baseada na análise do autor Walter Benjamin. O conceito de aura refletido por Benjamin está inserido no âmbito da obra de arte, e é destruída uma vez que é reproduzida. Essa discussão em torno da reprodução da obra de arte está inteiramente ligada a sua autenticidade. Buscaremos estabelecer um diálogo entre a opinião do autor quando se trata da reprodução da arte, e a reprodução dessa arte dançante, como também analisar se existe aura e autenticidade na Dança Tribal uma vez que essa dança tem sido modificada e vem sofrendo alterações na contemporaneidade.

Palavras chaves: Dança Tribal; Arte; Reprodutibilidade.

Subject: This essay aims to reflect about the Tribal Dance starting from your aura and authenticity of meaning in a theoretical perspective based in the analysis of the author Walter Benjamin. The concept of aura reflected by Benjamin is inserted in the ambit of the artwork, and is destroyed when reproduced. This argument around the artwork reproduction is totally linked to your authenticity. We will seek to establish a dialogue between the author's opinion about the artwork reproduction, and the reproduction of this dancing art, and also analyze if there is aura and authenticity in the Tribal Dance, once this dance have been modified nowadays.

Keywords: Tribal Dance; Art; Reproducibility.

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia – Campus II. Foi aluna especial da disciplina *Cultura Popular e de Massa* do Mestrado em Crítica Cultural.

INTRODUÇÃO

Foi um risco lançarmo-nos em um tema onde existem poucos estudos no Brasil. A Dança Tribal chega ao Brasil a partir do ano 2000 e por muitos ainda é desconhecida. Encontrar pesquisas ou livros publicados que tratassem do tema foi e ainda é muito difícil por conta da escassez ², mas como amamos o desafio e o tema tratado, aqui está um trabalho nascido de um parto bem dolorido.

Este trabalho é de cunho teórico-crítico o que possibilita investigar a veracidade da *aura* e da *autenticidade* da Dança Tribal, baseado nos conceitos do autor Walter Benjamin. Aqui propomos além de dar maior visibilidade a essa maravilhosa arte mostrando-lhes um pouco de sua história, averiguar se existe aura e autenticidade na Dança Tribal uma vez que ela vem sofrendo mudanças na contemporaneidade.

O estilo Tribal é uma manifestação dançante de diversas culturas e cada vez mais estão sendo agregados elementos culturais de outros locais. Ela bebe da fonte da Dança do Ventre, mas é notável a presença do Flamenco e da Dança Indiana e mais tarde foram somados elementos como da Dança Moderna e o jazz.

Numa época capitalista, onde quase tudo (ou tudo) é movido e moldado pela globalização e pela indústria cultural, as artes também acabam (muitas vezes) rendendo-se aos ditames da indústria mercadológica.

A dança em tempos antigos era entendida como um ritual e fazia parte das cerimônias como casamento, nascimento e morte. Era a manifestação mística da união entre natureza e o homem. Após a Revolução Industrial e o capitalismo, as informações passam a correr em demasia e o contato com outras culturas passa a ser intenso. Muito do que era sagrado passou a ser reproduzido como mercadoria para consumo e a dança não fugiu a essa “evolução”. Dessa maneira é importante questionar, se a Dança Tribal mantém sua aura na era da reprodutibilidade técnica e numa era marcada pela multiplicidade de influências e de informações. Segundo o autor Walter Benjamin, uma vez que uma obra de arte é reproduzida ela perde sua aura, pois esta é manifestada a

² Não queremos dizer que não haja, só que aqui no Brasil existem poucos trabalhos publicados. O acervo de blogs é enorme, mas para uma pesquisa acadêmica é complicado usá-los como fonte.

partir de um contexto temporal e espacial, o que deixa de existir quando é reproduzida. Quando reproduzida, a obra de arte deixa de ter o aqui e agora, deixando de ser autêntica.

Para tanto, será necessário elaborar um histórico da Dança Tribal e entender como foi seu surgimento e os elementos a ela acrescentados para a partir disso proceder uma análise de teor crítico afim de averiguar se sua *aura* e *autenticidade* ainda existem de fato ou se é uma mera reprodução de movimentos. Também achamos pertinente entrevistar algumas professoras do estilo para conhecer como essa dança é entendida por profissionais que a executam.

Após o histórico, trataremos da relação entre Dança Tribal e o Sagrado Feminino, numa perspectiva de ressacralização³ do feminino e sua arte tradicional aurática⁴. Em seguida discutiremos sobre o processo de globalização e capitalismo e sua influencia na Dança Tribal e, por fim entraremos numa discussão, baseada no autor Walter Benjamin, para averiguar se existe veracidade da aura e se a Dança Tribal é de fato autêntica.

DANÇA TRIBAL E O SAGRADO FEMININO: ARTE TRADICIONAL AURÁTICA

A Dança Tribal surgiu na década de 60 nos Estados Unidos da América. Nasceu da investigação da dançarina Jamila Salimpour, que em uma viagem ao Oriente conheceu e se encantou com o mundo místico ancestral oriental, manifestado pela dança. Jamila, de volta aos EUA, resolve mesclar os elementos de povos tribais conhecidos no Oriente, com seus conhecimentos.

Com sua trupe chamada Bal Anat (que significa “Dança da Deusa Mãe”) em 1969, Jamila criou coreografias que misturava elementos da Dança Oriental e de Danças Folclóricas, tendo como base a Dança do Ventre. Através das tradicionais lendas do Oriente, Salimpour adaptou uma espécie de Dança-Teatro onde as vestimentas eram

³ Resgatar o Sagrado Feminino.

⁴ Termo usado por Walter Benjamin para designar a presença de aura.

baseadas nos vestes de mulheres orientais. Na dança-teatro é relacionado o corpo, o verbo, os movimentos sociais (teatro) e abstratos (dança), propondo o diálogo entre diferentes linguagens.⁵ É importante ressaltar que no Oriente quase não havia distinção para teatro e dança, ambos são representados pela palavra “*Naty*”.

Na década de 80 já haviam muitas trupes influenciadas pelo sistema de “mescla” da Jamila. Masha Archer, discípula de Jamila, ensina sua técnica para Carolena Nericcio e esta adiciona ao novo estilo elementos do norte da África. Nericcio cria seu próprio grupo, o Fat Chance Belly Dance e o estilo ATS (American Tribal Style). O ATS é um sistema de improvisação, onde é celebrado em coletivo, e é baseado em códigos e sinais usados para que todas saibam qual movimento será feito no momento, tudo com bastante naturalidade. Juntas elas celebram a vida.

Uma década após, começam a aparecer elementos da Dança Indiana, do Flamenco e Dança Moderna, criando a partir daí um estilo (que não se prende ao Estilo Tribal Americano) mais livre onde se podiam acrescentar elementos de outras culturas, o denominado estilo Tribal Fusion que foi popularizado pela dançarina Rachel Brice e seu grupo The Indigo. O Tribal Fusion sofreu influências da cultura Underground e do body art e é subdividido em: gypsy, cyber, dark, vintage, industrial, entre outros.⁶

No Brasil, em 2002, surge à primeira trupe Tribal do país, a Cia. Halim Dança Étnica Contemporânea criada por Shaide Halim na cidade de São Paulo e partir daí, essa Dança étnica foi se expandindo dentro do país e sendo modificada de acordo com a cultura brasileira. Em João Pessoa, a professora e bailarina Kilma Farias criou o estilo Tribal Brasil, onde são mescladas todas as características acima citadas com Danças Afro-brasileiras. Ao estilo também foram acrescentados ritmos nordestinos como o baião por exemplo.

Este processo que vem incorporando a Dança Tribal desconsidera as fronteiras culturais, pois ela mescla elementos étnicos em um só corpo, desterritorializando⁷ a dança. A Dança Tribal agrega diferentes características étnicas de matriz tradicional e transpõem em estética contemporânea. Segundo Joline Andrade, a Dança Tribal tenta acompanhar as informações do mundo atual e sua difusão no meio tecnológico

⁵ BERBARE Jamille; DIAS Romualdo. 2012, p. 5

⁶ ANDRADE, Joline. 2011, p. 20

⁷ Termo usado pelo autor Paul Gilroy em seu livro “O Atlântico Negro”.

contribuiu para sua hibridação.⁸

Esse caráter de resgate ao ancestral faz surgir na Dança Tribal um ritualismo que une o passado ao presente. Para a autora Luciana Carlos Celestino⁹ a Dança Tribal diz respeito a um discurso sobre sacralidade do planeta que surgiu na década de 60 pelo movimento Hippie; pelos grupos de Bruxaria; a revalorização do Xamanismo; movimento ecológico e a emancipação feminina. Todos esses movimentos tentavam juntar o que o tempo, com sua modernização, distanciou: homem/natureza.

Esses valores a partir da Dança Tribal foram resgatados e celebrados numa era contemporânea. Segundo Celestino, a atividade dessas bailarinas talvez tenha nascido de uma consciência com o planeta Terra, com a mãe Gaia e que essa Dança não deva ser reconhecida somente como expressão artística, mas também como uma manifestação da arte ligada ao sagrado como era em tempos antigos.

“O movimento, deste modo, deixando de ser uma mera ação mecânica e tornando-se dança, poesia do corpo em movimento, torna gestos, torções, rodopios, olhares, não apenas ações isoladas, mas comunicação, simbolização, ritualização e, desse modo, sacralização do instante, do espaço e do corpo”.¹⁰

O resgate ao Sagrado Feminino, valor esquecido com o patriarcalismo, é um dos objetivos da Dança do Ventre. Em geral a Dança em tempos antigos tinha caráter ritualístico e era uma espécie de adoração a deuses e deusas. A Dança do Ventre foi (e é para algumas bailarinas) um ritual de fertilidade, que usava de movimentos ondulatórios para homenagear a deusa da fertilidade, atribuindo importante significado ao ser feminino, o ser que celebra a vida.

O Tribal surge também como uma nova linguagem desse resgate ao sagrado feminino, é uma nova expressão que tem como essência a junção do ser humano com seu natural. Um bom exemplo disso é o ATS onde mulheres celebram a vida em coletivo e com naturalidade, sem reprodução de ensaio algum. O Tribal Fusion, mesmo se afastando um pouco do modelo ATS, agrega elementos e movimentos que modelam o corpo feminino, massageiam órgãos internos, fortalecem a região pélvica, útero e resgatam a importância que há no ser feminino e o encontro de cada uma delas com a

⁸ Idem, ibidem, p. 13

⁹ CELESTINO, Luciana Carlos. 2008, p 05

¹⁰ CELESTINO, Luciana Carlos. 2011, p. 07

sua deusa interior. Na dança há um contato maior com seu consciente, permitindo o autoconhecimento, a valorização do eu e de seu corpo. Os movimentos pélvicos herdados da Dança do Ventre fazem alusões à natureza.¹¹

É importante pensar que houveram variadas modificações na Dança Tribal. Ela agrega características de outras danças, principalmente da Dança Indiana e do Flamenco. O Flamenco por sua vez, é uma manifestação artística originada de uma fusão de povos na região Andaluza na Espanha, perseguidos e sofridos, a música e dança Flamenca, retrata sua tristeza, dor, lamentos, desprezo, às vezes alegria. A Dança Indiana também é entendida como um ritual, onde a pélvis é o centro de energia. Então é percebido que o Tribal Fusion, fundiu elementos de outras danças que são semelhantes entre si: manifestação emocional, rito, homenagem, elevação do eu interior, e entre outros.

AURA E AUTENTICIDADE NA DANÇA TRIBAL

A partir da globalização, os meios de comunicação passam a fazer parte da vida das pessoas de forma intensa. É nesse contexto que diversos autores começarão a analisar e escrever sobre os meios de comunicação e como eles exercem influencias no comportamento dos indivíduos. A necessidade de produção de uma cultura voltada ao consumo se faz presente modificando e homogeneizando o comportamento.

Segundo Adorno, a indústria cultural é um instrumento de opressão que induz o indivíduo a produzir e consumir, tendo por base a homogeneização dos seres humanos. Este sistema é solidificado, sendo quase impossível rompê-lo. Adorno afirma que houve um impacto a partir da ascensão nazista na Alemanha e que sua influencia se expandiu

¹¹ Por exemplo: O Círculo: na cultura antiga, particularmente no Egito, o círculo significava a eternidade, um elo sem rompimento (por esse motivo o uso da aliança de casamento). Podemos encontrar o círculo em diversas partes do mundo como na barriga de uma grávida, na lua cheia, no formato dos planetas e etc. O oito: O Infinito. Está presente no corpo da mulher em músculos que tem formato do número oito, como por exemplo, o sistema de circulação e os músculos que guardam a passagem da vida. As ondas: os movimentos ondulatórios muitas vezes estão ligados às vibrações que nos cercam como ondas sonoras e ondas de calor, por exemplo: os movimentos de uma serpente, as ondas do mar, o fluir de um rio. Os tremidos: que pode ser associado a vibrações, terremotos, tremor que nos causa e reflete na respiração, por exemplo. A crescente lunar: é como um círculo aberto como a lua crescente, por exemplo.

pelo mundo afim de que a indústria cultural estruturasse esse regime.¹²

Refugiado nos Estados Unidos, Adorno observou que o objetivo maior da indústria cultural era esconder as contradições da sociedade e do capitalismo. E um grande exemplo de manifestação da cultura voltada ao homogêneo era o cinema, que conduzido pela ideologia dominante, desviava a atenção da população.

A visão do autor é que a maioria das obras de arte se converteram em mercadoria e a cultura em indústria. É através desta padronização de produção, que há uma perda da individualidade tornando-se possível o controle dos indivíduos.

Adorno cria sua teoria contrariando a teoria de Benjamin, uma vez que Adorno acredita serem negativas as conseqüências desse sistema, Benjamin -segundo Adorno- o enxerga com positividade. Para Benjamin, a reprodução da arte difundida pelo novo sistema permite quebrar com as barreiras do tradicional, difundido a cultura por todas as classes sociais, fazendo com que a arte deixe de ser elitista. Uma vez modificado, não teria como retroceder, mas por outro lado acaba com sua autenticidade e aura da obra de arte, tirando da arte o seu caráter ritualístico.

O aparecimento de novas técnicas capazes de reproduzir obras de artes no século XIX/XX falece aquilo que o autor Walter Benjamin chamou de aura. Para o autor a arte perdeu sua autenticidade diante dessas novas técnicas de produção e reprodução das artes. Ao mesmo tempo em que a aura e autenticidade são perdidas, de acordo com Benjamin, essas novas técnicas contribuíram para a divulgação das artes para toda a massa. Embora a arte tenha sido sempre reproduzível, o caráter quantitativo ganhou rumo e converteu-se em qualidade,¹³ fazendo com que a arte seja apreciada por diversas pessoas em diferentes locais e épocas.

A possibilidade de reprodução das obras de artes tem aumentado rapidamente, multiplicando a sua aparição para as massas. Mas essa aparição, para Walter Benjamin é desprovida de aura, pois ele entende por aura uma aparição única de uma realidade, por mais próxima de nós que ela esteja. Seria como uma espécie de dessacralização de uma arte que antes tinha um caráter ritualístico.

¹² ADORNO, Theodor W. 2002

¹³ BENJAMIN, Walter, 1987, p. 192.

Mas o que vem a ser aura e autenticidade? De acordo com o autor Benjamin, autenticidade é *o aqui e agora* de uma obra de arte, é justamente o que não existe em uma reprodução técnica. Nas palavras do autor:

“Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. E nessa existência única, e somente nela, que se desdobra à história da obra.”¹⁴

Apesar da reprodutibilidade técnica não ter autenticidade, ela possibilita a “aparição” da obra em meios impossíveis de ter sido aparecida naturalmente, possibilitando outros ângulos jamais vistos. Já na reprodução manual, apesar de conter autenticidade, a obra de arte fica restrita, ficando assim impossível de ser ajustada para observação. Aura, por sua vez, é uma figura singular de aparição única e exclusiva que está relacionado ao um tempo e espaço, incapaz de ser reproduzível.¹⁵

“O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. Generalizando, podemos, dizer que a técnica da reprodução destaca o domínio da tradição do objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido.”¹⁶

Toda essa modificação abala a tradição da obra e vai acompanhar todo o movimento da massa, uma vez que o contexto histórico influencia no modo de entender e ver ao seu redor, desta forma a obra de arte passa a ser re-significada. A percepção humana não é algo apenas natural, mas também histórica.

Para o autor, toda obra de arte aurática é ritualística e se exprime no culto. “As mais antigas obras de arte, como sabemos, surgiram a serviço de um ritual, inicialmente mágico, e depois religioso.”¹⁷ Ainda segundo Benjamin, com a era da reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa do caráter ritualístico para ser cada vez mais uma

¹⁴ BENJAMIN, 1987, p. 167

¹⁵ Idem, ibidem, p. 170

¹⁶ Idem, ibidem, p. 169

¹⁷ Idem, ibidem, p. 171

reprodução de uma arte criada para ser reproduzida, pois o valor de culto, não exige espectador.

Entendemos que Benjamin acaba por ingressar naquilo que o Adorno criticou, enxergando um lado positivo neste processo que tem como base a homogeneidade dos indivíduos que conseqüentemente serão conduzidos pela Indústria Cultural (inconsciente ou não), pois o desaparecimento do caráter de culto solidifica o caráter político e passa a ter um valor eterno.

Assim como qualquer ação humana, a dança também sofreu diversas modificações durante o tempo e influência da Indústria Cultural. Suas formas foram sendo adaptadas, muitas vezes deixando de lado seu poder místico para ter um caráter puramente estético. Um exemplo grande é o surgimento de diversas escolas de dança que têm como base o capitalismo, tendo a dança como uma mercadoria.

A dança em tempos antigos tinha seu caráter ritual e era algo mágico. Com influência da Revolução Industrial, a dança também se modificou. No caso específico da Dança Tribal, como vimos anteriormente, ela é um reflexo de todo um contexto histórico de luta nascida numa época da contracultura na década de 60. Segundo a professora Surrendra a dança Tribal é “uma forma de expressão singular livre de regras estilísticas, onde seu interior é constantemente questionado”. Mesmo sendo influenciada pela divulgação em demasia que a globalização nos permite, a Dança Tribal não é algo unificado, pois ela agrega signos e elementos de diversas culturas.

“A possibilidade de troca de signos gera um processo de adaptação que retira aspectos de um determinado contexto e modifica-os em função de um novo ambiente. Há então uma transformação de forma singular numa seleção de elementos comuns e descarte daqueles que são dispares aquele ambiente”¹⁸

Também não é algo que trilha o caminho das regras sociais. Em uma entrevista a professora Surrendra, perguntamos se ela considerava a Dança Tribal um reflexo de uma sociedade capitalista, onde se obedece aos dogmas impostos. Ela nos respondeu:

“O ATS foi criado justamente pra se opor a isso. Tanto que o grupo da criadora do Tribal se chama FATCHANCE

¹⁸ ANDRADE, Joline, 2008, p. 6

BELLYDANCE (chance das gordas). O tribal como um todo, não somente o ATS veio para, justamente, agregar quem se sentia menos glamorosas dentro da dança do ventre. Meninas tatuada, gordas, magras demais entre outros aspectos. Mas ainda existe uma cobrança sobre este biótipo mesmo no Tribal. Acho difícil desassociar aquela imagem de mulher perfeita que a mídia impõe, nossa luta é constante. Este quadro vem mudando aos poucos, mas ainda há muito caminho para trilhar”¹⁹

Percebe-se então, que a Dança Tribal vai de encontro aos dogmas impostos, pois além dele favorecer os estereótipos excluídos pela sociedade, ele é livre, podendo ser acrescentado qualquer signo ou elemento que se considere coerente. Segundo a professora Mariana Quadros, o Tribal é um estilo de vanguarda e possui um modo alternativo de viver:

“O Estilo Tribal definitivamente é um estilo de contravenção, de vanguarda. Geralmente as pessoas que são atraídas pelo estilo não estão buscando se enquadrar nos padrões da sociedade, são pessoas que vivem ou gostariam de viver de maneira alternativa. Porém, é fruto sim da globalização. É uma dança que mistura influências dos quatro cantos do mundo, e o fato de ter saído de São Francisco, CA e ter se espalhado pelo mundo da maneira que fez, só pode ser atribuído à globalização e a facilidade com que a informação se espalha atualmente.”²⁰

Jamille Berbare investigando sobre como os sujeitos podem enfrentar as influências que o capitalismo neoliberal exerce sobre nossos corpos, chegou à conclusão que a Dança Tribal possui elementos de ruptura diante dos dispositivos de dominação capitalista. Berbare entende que o “capitalismo neoliberal coloniza o território invisível da alteridade” e está aí traçada uma luta que nunca acaba: a subjetividade livre na construção da “escultura de si” e a forte influência desta colonização.

O “primitivo em nós” e o “nômade em nós” são para Berbare elementos que aproximam a Dança Tribal aos elementos ancestrais e diz mais: “Algo de nossa ancestralidade pode estar em nossos corpos e nos interessa investigar para nos apropriarmos destes elementos em benefício de nossa potência de criação”.²¹ A Dança Tribal funde arquétipos, conceitos e possui uma característica anacrônica, pois evoca seres míticos antigos.

¹⁹ SURRENDRA, professora do Tribal Fusion. Entrevista, 2013.

²⁰ MARIANA QUADROS, professora do Tribal Fusion. Entrevista, 2013.

²¹ BERBARE, Jamile. 2012, p. 03.

Joline Andrade levanta estratégias de transgressão e afirma que o Tribal busca uma dança voltada pro pós-colonial de oposição.

“A constante variação e transformação nos modos de criação pode ser uma estratégia para burlar a globalização dos interesses de um grupo de poder diante da dança Tribal, pois possibilita uma “ecologia do saber”, ou seja, uma descentralização na produção de conhecimentos”²²

É cabível associar a globalização e os efeitos que surgiram na Dança Tribal e como ela pode afetar essa globalização. Perguntamo-nos agora: a reprodução dessa arte é desprovida de Aura e Autenticidade como afirmou o Walter Benjamin? De acordo com o conceito de autenticidade, a dança Tribal quando apresentada ao vivo, ela possui o *aqui e agora* fazendo com que aparição única de sua aura seja perceptível.

A dança como arte imaterial constrói sua aura no *aqui e agora*, mesmo não tendo a mesma significação, pois isso vai depender de todo um contexto onde está incluso o público, o tempo, o espaço, concepções de vida entre outros fatores.

Podemos associar a dança ao ator de teatro ao qual se referiu Benjamin. Pois ambos entram no interior de seu personagem e possui uma aparição única. Embora tenhamos que concordar que todas (ou a maioria) das apresentações de Dança Tribal estão sob o meio de câmeras de fotografias e filmagens e isto está vinculado ao desenvolvimento das técnicas de reprodução e registro. Mas uma vez reproduzida em outro espaço/tempo ela é desprovida de aura e autenticidade. Embora possa abraçar pontos específicos de observação em uma nova época para um novo público.

O Tribal também é uma manifestação estética/artística/técnica, porém ela pode ser entendida para além dessa manifestação. Retornemos ao resgate do Sagrado Feminino que a Dança do Ventre possui e conseqüentemente a Dança Tribal. Dentro da perspectiva do que existem por trás de ambas as danças podemos entendê-las como uma arte aurática, assim como também podemos entendê-las como autênticas. Ela está além de um estilo de dança, a este pode ser acrescentado seu poder ritualístico. Através de toda a modernização, a Dança Tribal volta ao passado e traz elementos que manifestam seu poder sagrado, mantendo o ser humano em contato com seu natural. Segundo Morgen Neith:

²² ANDRADE, Joline. 2011, p. 10

“O tribal te dá liberdade para demonstrar seus sentimentos mais íntimos e elimina rótulos. Acho que isso liberta os desejos ancestrais... é magia, e alquimia, como a dança do ventre. Porém mais sombrio, mais livre e como consequência mais ritualístico.”²³

E como disse Mariana Quadros: “Para não perder essa essência precisa haver, lado a lado com a evolução, o respeito às raízes”. Buscando entender o seu caráter ancestral, ritualístico e mágico e transmitindo essa energia autêntica através das diversas aparições únicas que cada dançarina pode manifestar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda essa discussão, percebemos que a Dança Tribal tem uma aura única e autêntica que tem seu nascimento e aparição única nas apresentações. Embora tenhamos que assumir que muitas professoras vivem do que chamamos de puro tecnicismo, apenas copiando e reproduzindo técnicas da dança, existe uma recriação a cada vez que ela se apresenta ao vivo. Essa aparição é única, mesmo sendo reproduzida em vídeo depois (o que seria a reprodutibilidade técnica desprovida da aura e autenticidade).

O caráter ritualístico da aura se encontra toda vez que uma bailarina/intérprete se apresenta. Mesmo que ela repita essa mesma coreografia e música, o ritual terá outra aura, outro sentido, sendo assim re-significado.

O tribal rema contra a maré criticada pelo Adorno, uma vez que ela não é homogeneizada e permite que cada indivíduo acrescente a ela coisas pessoais, experiências com outras danças e confeccione um figurino de acordo com sua vontade ou com o tema trabalhado. E se tratando de Benjamin, a Dança Tribal uma vez apresentada ao vivo, tem sua aura e é autêntica, tendo assim um caráter ritualístico, como outrora a dança tinha. Não é apenas tecnicismo e embora ele seja importante, não dá totalidade à dança. Sua apresentação ao vivo pode ser registrada através das câmeras de fotografia e filmagem possibilitando assim sua reprodução em outra época e outro

²³ MORGEN NEITH, professora de Tribal. Entrevista 2013.

público (a massa), podendo ser ajustado para observação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo. Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, Joline Teixeira Araujo. **Processos de hibridação na Dança Tribal: Estratégias de transgressões em tempos de globalização contra hegemônica**. Bahia, 2011.

_____. **Identidades em fractais: um contexto contemporâneo no pensamento sobre a Dança Tribal**. Bahia, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Editora Brasiliense, 1987.

BERBARE Jamille; DIAS Romualdo. **Dançar a vida para não “dançar na vida”**: Um estudo sobre os aspectos “disruptivos” na Dança Tribal. Anais do II congresso Nacional de pesquisadores em dança-ANDA, 2012.

CAMARGO, Julieta Furtado. **Dança do Ventre: (Re) significações do feminino**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CELESTINO, Luciana Carlos. **Sementes, espelhos, moedas, fibras...: A bricolagem da Dança Tribal e uma nova expressão do Sagrado Feminino**. Rio Grande do Norte, 2008.

ENTREVISTAS

SURRENDRA Bellydance. Entrevista cedida em janeiro de 2013.

QUADROS, Mariana. Entrevista cedida em janeiro de 2013.

NEITH, Morgen. Entrevista cedida em fevereiro de 2013.